

Desinformação e mudanças climáticas: O papel das *Fake News* na criação de ceticismo ambiental¹

Naiana Carvalho da Cunha²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

O presente estudo discute o impacto das *fake news* na construção do ceticismo ambiental, especialmente em relação às mudanças climáticas. Apoiado em autores como Wardle & Derakhshan e Oreskes & Conway, o texto analisa como interesses econômicos, políticos e ideológicos alimentam campanhas de desinformação científica que comprometem a confiança pública na ciência. A comunicação científica é apresentada como ferramenta essencial de enfrentamento, e o texto propõe estratégias de combate à desinformação com base na literacia científica e no engajamento público. O trabalho insere-se no debate atual sobre informação e desinformação, refletindo sobre os desafios contemporâneos da circulação de conhecimento científico.

Palavra-chave: desinformação; mudanças climáticas; *fake news*; comunicação científica; negacionismo

Introdução

Em um mundo cada vez mais conectado, a disseminação de informações nunca foi tão rápida e acessível. No entanto, essa facilidade trouxe consigo um desafio urgente: a proliferação de notícias falsas, especialmente em campos importantes como a ciência. A desinformação não é apenas um fenômeno moderno, ela vem se consolidando como uma ameaça real à saúde pública, à formulação de políticas ambientais e ao progresso coletivo da sociedade. Quando aplicada ao contexto das mudanças climáticas, por exemplo, a desinformação prejudica a compreensão pública da crise ambiental promovendo a inatividade e perpetuando interesses econômicos contrários a sustentabilidade.

O impacto da desinformação vai além do indivíduo, ela influencia comportamentos coletivos, molda a percepção pública e, frequentemente, mina a confiança nas instituições científicas. A pergunta a se fazer é: Por que, então, as pessoas acreditam em informações falsas, mesmo quando estas contradizem evidências já aceitas?

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ. E-mail: naiccunha@hotmail.com.

Baseado nessa pergunta, este estudo busca explorar as raízes e os efeitos das *fake news* no campo científico com um enfoque especial na questão climática, analisando os principais agentes de disseminação, as motivações por trás dessas ações e as consequências para a sociedade. Serão apresentadas estratégias para combater a desinformação e fortalecer a comunicação científica, essencial para enfrentar os desafios globais.

***Fake News*, desinformação e boato**

Para iniciar a explanação torna-se necessário definir, inicialmente, três conceitos importantes: *fake news*, desinformação e boato. Compreender essas distinções é essencial para enfrentar os desafios informacionais em temas complexos como as mudanças climáticas.

É inegável que a era digital trouxe avanços significativos na disseminação de informações, mas também, facilitou a propagação de conteúdos enganosos. De acordo com Wardle e Derakhshan (2017), o termo “*fake news*” é problemático, uma vez que, abrange desde desinformação intencional até conteúdos humorísticos ou satíricos. Essa ambiguidade dificulta a definição exata do termo, porém sua característica central é a intencionalidade no ato de enganar utilizando um formato que imita o jornalismo para ganhar credibilidade.

Já a desinformação vai um pouco além da definição do conceito de *fake news*. Esse conceito abrange qualquer informação falsa ou manipulada compartilhada com o propósito de causar dano ou confusão. Vale lembrar que, a desinformação, não se limita a apenas notícias, ela pode incluir vídeos, imagens ou memes manipulados configurando como um elemento chave que os autores definem como "desordem informacional". Floridi (2016) complementa que a desinformação é um problema ético já que seu impacto vai além de indivíduos afetando sociedades inteiras ao sucumbir a confiança em fontes de informação legítimas.

Agora falaremos sobre os boatos. Estes, por sua vez, diferem tanto das *fake news* quanto da desinformação, uma vez que, não têm necessariamente uma origem intencional de engano. Segundo Allport e Postman (1947), boatos são informações cuja veracidade não pode ser confirmada de imediato, mas que se espalham devido à curiosidade ou preocupação pública. Eles frequentemente surgem em momentos de incerteza, como

crises ambientais ou sociais desempenhando um papel significativo na amplificação da desinformação. Embora possam parecer inofensivos, os boatos, muitas vezes, colaboram para a propagação de informações falsas ou manipuladas.

Comunicação científica

Com a circulação de informações em alta velocidade, a comunicação científica desempenha um papel importante para garantir que o conhecimento, produzido por pesquisadores, alcance a sociedade de maneira clara, acessível e confiável. Isso faz com que ela se torne indispensável para promover a alfabetização científica.

Como apontam Fischhoff e Scheufele (2013), ao tornar o conhecimento acessível ao público, a ciência não apenas educa, mas também capacita os cidadãos a participarem de debates críticos sobre questões globais, como: mudanças climáticas, pandemias e avanços tecnológicos. Sem uma comunicação clara, há um risco de que o público não compreenda a relevância das descobertas científicas ou pior, que mal-entendidos sejam amplificados por meios de comunicação inadequados.

Outro aspecto central é a contribuição da comunicação científica para a formulação de políticas públicas. Políticos e gestores dependem de informações precisas para tomar decisões que afetam o bem-estar coletivo. Conforme Bucchi e Trench (2014), a ciência comunicada de maneira clara ajuda a reduzir a lacuna entre o conhecimento técnico e o processo de tomada de decisão, especialmente em áreas como saúde pública e sustentabilidade ambiental. Durante a pandemia de COVID-19, por exemplo, a disseminação eficaz de evidências científicas foi crucial para orientar medidas como a vacinação em massa e o distanciamento social.

Podemos observar também que, a comunicação científica precisa é uma poderosa aliada no combate à desinformação. Em tempos de *fake news* e desordem informacional, a clareza e a transparência na divulgação de dados científicos são essenciais para construir a confiança do público. Wardle e Derakhshan (2017) destacam que, ao fornecer informações embasadas e verificáveis, a ciência pode atuar como um contraponto à

propagação de informações enganosas, como mitos sobre vacinas ou negacionismo climático.

Porém, não podemos deixar de pontuar que, a comunicação científica enfrenta desafios significativos. Um deles é a complexidade das descobertas e a necessidade de traduzir termos técnicos em linguagem acessível. Não obstante, existe a pressão por parte de alguns setores da mídia para simplificar excessivamente o conteúdo científico, o que pode levar a distorções. Nesse contexto, iniciativas de treinamento em comunicação para cientistas e colaborações com jornalistas e comunicadores especializados têm se mostrado estratégicas para superar essas barreiras. Um exemplo prático de treinamento em comunicação científica para pesquisadores é o Curso Introdutório de Comunicação Científica em Ciências da Saúde, lançado em 2021. Destinado a profissionais e técnicos da área da saúde, pesquisadores, editores científicos, estudantes de graduação e pós-graduação, o curso visa aprimorar as habilidades de comunicação científica desses grupos (BRASIL, 2021).

Motivadores para a criação de fake News e seus disseminadores

A distorção da ciência é um fenômeno que se intensificou na era digital e tem representado uma ameaça significativa ao progresso científico e ao bem-estar social. Notícias falsas, frequentemente projetadas para parecerem confiáveis, não surgem de maneira aleatória, elas refletem motivações diversas que vão desde interesses econômicos até estratégias políticas e ideológicas.

Uma das principais motivações para a criação de *fake news* científicas é o interesse econômico. Empresas ou grupos que têm suas atividades ameaçadas por evidências científicas frequentemente, financiam campanhas de desinformação para proteger seus lucros. O caso da indústria do tabaco é emblemático. Durante décadas, companhias financiaram pesquisas duvidosas e propagaram informações falsas para questionar os efeitos prejudiciais do cigarro à saúde (Oreskes & Conway, 2010). De forma semelhante, setores ligados à produção de combustíveis fósseis têm promovido *fake news* sobre mudanças climáticas negando sua gravidade para evitar regulamentações mais rígidas.

Motivações políticas também impulsionam a criação de notícias falsas. Grupos políticos utilizam informações distorcidas para desacreditar adversários ou mobilizar suas bases. Durante a pandemia de COVID-19, por exemplo, *fake news* sobre vacinas foram

divulgadas por motivos políticos, com o objetivo de polarizar a sociedade ou questionar a competência de governos e instituições científicas (Wardle & Derakhshan, 2017). A politização de questões científicas fomenta um ambiente no qual o debate técnico é ofuscado por narrativas ideológicas comprometendo a confiança pública na ciência

Outro fator importante é a motivação ideológica e cultural. Algumas dessas notícias são criadas para reforçar crenças pré-existentes ou desafiar paradigmas que contradizem valores culturais ou religiosos. Por exemplo, movimentos antivacina, frequentemente utilizam informações falsas para promover desconfiança em relação à ciência médica baseando-se em crenças conspiratórias ou desconfiança histórica em relação às instituições (Goldenberg, 2021). Esse tipo de desinformação apela a emoções como medo e desconfiança, o que facilita sua disseminação.

Por fim, a busca por notoriedade e influência também está entre as motivações por trás da criação de *fake news*. Em um contexto digital em que métricas como cliques, curtidas e compartilhamentos possuem valor tanto comercial quanto simbólico, produtores de conteúdo podem deliberadamente disseminar informações falsas com o intuito de gerar engajamento e ampliar sua visibilidade. Wardle e Derakhshan (2017) destacam que, nesse contexto, muitas dessas desinformações são criadas sem um compromisso ideológico ou político claro, mas como uma estratégia para gerar engajamento e monetização em plataformas digitais.

E quem são os principais agentes envolvidos na disseminação dessas notícias? Primeiramente, a disseminação de *fake news* que distorcem a ciência não ocorre de maneira espontânea, ela depende de agentes que, intencionalmente ou não, desempenham papéis centrais nesse processo. Esses agentes incluem desde indivíduos com interesses específicos até grandes organizações, cada um contribuindo de maneiras distintas para o fenômeno da desinformação.

Um dos principais são corporações ou grupos econômicos cujas atividades entram em conflito com descobertas científicas. Para proteger seus interesses financeiros, esses agentes frequentemente financiam campanhas de desinformação como já citado, a indústria do tabaco e as empresas de combustíveis fósseis. Outro grupo diz respeito aos movimentos políticos e ideológicos. Esses agentes utilizam informações distorcidas como ferramentas para mobilizar eleitores, reforçar narrativas e atacar adversários. Esses grupos frequentemente se aproveitam da polarização social para amplificar mensagens falsas.

Somando-se a isso, com o advento da internet, os digitais influencers se tornaram importantes agentes de disseminação de fake news. Alguns criadores de conteúdo, movidos por engajamento compartilham informações falsas para atrair atenção e gerar conteúdos de impacto. Como destacam Wardle e Derakhshan (2017), muitos desses influenciadores não têm compromisso com a precisão ou responsabilidade, mas priorizam o impacto emocional de suas mensagens. Essa dinâmica é especialmente preocupante porque influenciadores possuem grandes visualizadores e podem espalhar desinformação de maneira rápida e ampla.

Em 2020, durante o pico da pandemia de COVID-19, diversos influenciadores digitais e até mesmo o presidente na época, Jair Bolsonaro, utilizaram suas plataformas para espalhar informações não verificadas sobre tratamentos "milagrosos" para a doença, como o uso de medicamentos sem comprovação científica. Alguns desses influenciadores, buscando aumentar seu engajamento, publicaram vídeos e postagens que viralizaram, gerando grande número de curtidas e compartilhamentos. Esse tipo de conteúdo, embora incorreto e prejudicial, atraiu a atenção de milhares de seguidores e contribuiu para a propagação de *fake news* dificultando a conscientização pública sobre os cuidados necessários durante a pandemia.

Mudanças climáticas e o ceticismo ambiental

As mudanças climáticas representam um dos maiores desafios da humanidade no século XXI exigindo ações coordenadas entre governos, empresas e a sociedade. A disseminação de informações falsas aliada à má interpretação de dados científicos tem distorcido a compreensão pública sobre a urgência da crise climática atrasando políticas e iniciativas necessárias para mitigar seus efeitos.

A desinformação sobre mudanças climáticas não é um fenômeno novo. Desde os anos 1980, grandes indústrias produziram dúvidas científicas, disseminaram dados fora de contexto e atacaram a credibilidade de cientistas para moldar a opinião pública e impedir ações regulatórias mais severas (PÚBLICO, 2022). Essas campanhas, amplificadas pelas redes sociais têm promovido uma falsa equivalência entre as evidências científicas aceitas e as opiniões contrárias criando um senso de incerteza onde ele não existe.

As motivações por trás dessas ações vão além do lucro econômico. Em muitos casos, ideologias políticas -como já vimos- e interesses de poder alimentam a negação climática na tentativa de desacreditar instituições científicas e desacelerar transições energéticas sustentáveis que poderiam ameaçar as estruturas de poder tradicionais. Por exemplo, narrativas que minimizam o impacto das emissões de gases de efeito estufa ou negam a responsabilidade humana nas mudanças climáticas têm sido difundidas em países com forte dependência de combustíveis fósseis (Oreskes e Conway, 2010).

Outro fator que não se pode perder de vista vem de encontro que a aceitação dessas *fake news* é amplificada por fatores psicológicos, como o viés de confirmação e a identidade social. Pessoas que se identificam com grupos políticos ou econômicos que rejeitam a mudança climática tendem a aceitar informações falsas que reforçam suas crenças, mesmo quando confrontadas com evidências científicas (SEGATTO, 2023).

No caso das mudanças climáticas, as *fake news* também protagonizam a promoção do negacionismo climático retardando ações globais para mitigar seus efeitos. Grupos econômicos e políticos têm disseminado informações falsas para minimizar a gravidade da crise climática ou desacreditar o consenso científico sobre suas causas. Por exemplo, grandes empresas petrolíferas como Shell, Exxon Mobil e BP, juntamente com a chamada Coalizão para o Clima Global – um grupo de fachada dissolvido em 2022 que reunia quatro empresas associadas à indústria dos combustíveis fósseis – foram acusadas de promover campanhas de descrédito contra cientistas do clima e de omitir seus investimentos em combustíveis fósseis através de *lobbies* e propagandas com mensagens positivas desde os anos 1970. A desinformação promovida por essas indústrias sobre a origem do aquecimento global, iniciada na década de 1980, continua a ter impacto alimentando o negacionismo climático até os dias atuais (CARTA CAPITAL, 2022).

Como isso é feito? Uma estratégia comum é enfatizar incertezas científicas para criar a impressão de que não há acordo entre os especialistas, embora mais de 97% dos cientistas climáticos concordem que as mudanças climáticas são causadas por atividades humanas (Oreskes & Conway, 2010). Essa desinformação tem consequências diretas como a redução do apoio público a políticas ambientais e a perpetuação de padrões de consumo insustentáveis.

Além de afetar diretamente esses temas, as *fake news* também corroem a confiança do público nas instituições científicas e nos meios de comunicação. Um estudo realizado por Vosoughi, Roy e Aral (2018) demonstrou que notícias falsas se espalham mais

rapidamente do que informações verdadeiras, devido ao seu apelo emocional e à capacidade de gerar engajamento. Essa dinâmica cria um ambiente no qual o público tem dificuldade em distinguir informações confiáveis de desinformação, o que amplifica a incerteza e o ceticismo em relação à ciência. No caso das mudanças climáticas, a falta de ação decisiva, em parte alimentada pelo negacionismo, aumenta os custos futuros de adaptação e recuperação, além de exacerbar desigualdades globais.

Embora a desinformação sobre as mudanças climáticas ainda seja forte, especialmente em plataformas como *Twitter* e *Facebook*, as evidências científicas em apoio à existência do aquecimento global antropogênico têm sido um contrapeso importante. Campanhas públicas e políticas em várias partes do mundo começaram a mudar a percepção pública, embora ainda haja resistência em certos grupos.

Concluindo

Conforme visto, a desinformação e as *fakes news* representam desafios significativos no contexto atual especialmente, em questões científicas que impactam diretamente a saúde pública, o meio ambiente e o bem-estar social. A disseminação de informações falsas, seja sobre vacinas, mudanças climáticas ou outras áreas da ciência tem gerado desconfiança e resistência, prejudicando a implementação de políticas públicas eficazes e a adoção de práticas que poderiam proteger a sociedade. No entanto, as ações de combate à desinformação têm mostrado que, embora o problema seja complexo, é possível mitigar seus efeitos por meio de abordagens coordenadas e estratégicas.

Um primeiro ponto importante é destacar que as *fake news* possuem motivações diversas que incluem interesses financeiros, políticos e ideológicos, muitas vezes impulsionados por grupos com interesses específicos, como indústrias que se beneficiam da desinformação sobre vacinas ou combustíveis fósseis. A combinação de redes sociais como amplificadoras de conteúdos virais e as falhas nos sistemas de verificação de informações têm alimentado esse ciclo de desinformação. Além disso, teorias psicológicas indicam que o viés de confirmação e a identidade social desempenham um papel crucial na aceitação de informações falsas, já que as pessoas tendem a acreditar e compartilhar informações que se alinham a conceitos preexistentes.

A promoção da literacia científica é uma das estratégias mais eficazes para capacitar os indivíduos a discernir fontes confiáveis de informações e a entender o processo científico por trás das descobertas. A educação científica deve ser contínua e acessível, utilizando as plataformas digitais, que são os principais veículos de disseminação de informações hoje em dia, de forma ética e informada. As plataformas de tecnologia, por sua vez, precisam reforçar a regulamentação sobre o que é compartilhado, atuando ativamente na detecção de conteúdos falsos e na promoção de informações verificadas.

É preciso também, melhorar a transparência da comunicação científica. Para isso, os cientistas devem se engajar ativamente com o público, não apenas em publicações acadêmicas, mas também utilizando linguagem acessível nas mídias sociais, participando de programas educativos e colaborando com jornalistas para disseminar informações precisas. A confiança do público nas instituições científicas, muitas vezes abalada por campanhas de desinformação, pode ser restaurada por meio de um discurso claro, acessível e alinhado com as preocupações e dúvidas reais das pessoas (PORTO, OLIVEIRA, ROSA, 2018).

Como reflexões finais, é essencial que os esforços para combater as *fake news* não se limitem a reações pontuais. A luta contra a desinformação deve ser contínua e envolver todos os setores da sociedade, a fim de criar uma cultura de valorização do conhecimento científico e do pensamento crítico. O papel das redes sociais e das plataformas de comunicação é fundamental nesse processo, mas também é necessário que o público desenvolva uma postura mais crítica e responsável ao consumir e compartilhar informações. Investir em educação, aumentar a transparência científica e colaborar entre os diversos setores da sociedade são passos essenciais para que a comunicação científica se torne eficiente e eficaz, contribuindo para uma sociedade mais informada e resiliente frente aos desafios do futuro.

Referências

ALLPORT, Gordon W.; POSTMAN, Leo. **The psychology of rumor**. New York: Henry Holt and Company, 1947.

BRASIL. **Lançamento do curso introdutório de comunicação científica em ciências da saúde** [online]. Brasília, 2021. Disponível em:

https://bvsms.saude.gov.br/lancamento-do-curso-introdutorio-de-comunicacao-cientifica-em-ciencias-da-saude-2021/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 12 mai. 2025.

BUCCHI, M.; TRENCH, B. **Handbook of Public Communication of Science and Technology**. Routledge, 2014.

CARTACAPITAL. **O que é desinformação climática e por que isso é relevante**. 2022. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/politica/o-que-e-desinformacao-climatica-e-por-que-isso-e-relevante/?utm_source=chatgpt.com. Acesso em: 25 de mai. 2025.

FISCHHOFF, B.; SCHEUFELE, D. A. The science of science communication. **Proceedings of the National Academy of Sciences**, v. 110, n. Supplement_3, p. 14031-14032, 2013.

GOLDENBERG, M. J. **Vaccine hesitancy: Public trust, expertise, and the war on science**. University of Pittsburgh Press, 2021.

IANNI SEGATTO, A. Pós-verdade, negacionismo e fake news: Ensaio introdutório. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v. 28, n. esp. e023003, 2023. e-ISSN: <https://doi.org/10.52780/res.v28iesp.1.18303>

ORESKE, N.; CONWAY, E. M. **Merchants of Doubt: How a Handful of Scientists Obscured the Truth on Issues from Tobacco Smoke to Global Warming**. Bloomsbury Press, 2010.

PORTO, C., OLIVEIRA, K. E., and ROSA F., eds. **Produção e difusão de ciência na cibercultura: narrativas em múltiplos olhares [online]**. Ilhéus: Editus, 2018, 255 p. ISBN: 978-85-7455-524-9. <https://doi.org/10.7476/9788574555249>.

PÚBLICO. **Décadas de desinformação sobre alterações climáticas continuam a alimentar o negacionismo [online]**. 1 ago. 2022. Disponível em: https://www.publico.pt/2022/08/01/azul/noticia/decadas-desinformacao-alteracoes-climaticas-continuam-alimentar-negacionismo-2015681?utm_source=chatgpt.com.

VOSOUGHI, S.; ROY, D.; ARAL, S. **The spread of true and false news online**. **Science**, v. 359, n. 6380, p. 1146-1151, 2018.

WARDLE, C.; DERAKHSHAN, H. **Information Disorder: Toward an Interdisciplinary Framework for Research and Policy Making**. Council of Europe, 2017.